

ARTIGOS VARIA

As principais fontes oswaldianas da antropofagia filosófica: Marx, Nietzsche e Freud

Oswald's main sources of philosophical anthropophagy:
Marx, Nietzsche and Freud

Leonardo de Sousa Oliveira Tavares

<https://orcid.org/0000-0003-0226-9751> – E-mail: Isotavares@outlook.com

RESUMO

Este artigo descreve as principais fontes da antropofagia filosófica e os seus respectivos modos de apropriação crítica, na realização teórica de Oswald de Andrade. Nele, apresentamos como a filosofia oswaldiana, ao seu modo, associa, recontextualiza e atualiza conceitos e argumentos apresentados por autores clássicos como Marx, Nietzsche e Freud. A partir de uma forma poética de fazer filosofia desde o Brasil, Oswald lança mão de imagens e explicita afetos que almejam despertar um novo modo de agir e de pensar que, segundo a terminologia da filosofia antropofágica, é condizente com o primitivo tecnizado, o ser humano do futuro, integrante do matriarcado ideal de Pindorama. Para a compreensão desta utopia, comentamos e analisamos os textos em que Oswald cita estes autores consagrados pela tradição filosófica europeia e avaliamos como estes autores são inseridos em uma teoria em formação de um poeta que se pretende filósofo. Trata-se de um ensaio que esclarece brevemente como Oswald assimila a crítica ao capitalismo em Marx, a avaliação do cristianismo em Nietzsche e o parecer sobre a sexualidade emitido por Freud. De forma espontânea e despojada, nos textos filosóficos oswaldianos, estes autores são convidados para participar de um diálogo condizente com as formas imaginárias e reflexivas da cultura meridional.

Palavras-chave: Antropofagia. Andrade. Nietzsche. Freud. Marx.

ABSTRACT

This article describes the main sources of philosophical anthropophagy and their respective modes of critical appropriation in Oswald de Andrade's theoretical realization. In it, we present how Oswald's philosophy, in its own way, associates, recontextualizes and updates concepts and arguments presented by classic authors such as Marx, Nietzsche and Freud. From a poetic way of doing philosophy from Brazil, Oswald makes use of images and explicit affections that aim to awaken a new way of acting and thinking that, according to the terminology of anthropophagic philosophy, is consistent with the technologized primitive, the human being of the future, part of the ideal matriarchy of Pindorama. In order to understand this utopia, we comment on and analyze the texts in which Oswald cites these authors consecrated by the European philosophical tradition and evaluate how these authors are inserted into a theory in formation by a poet who pretends to be a philosopher. It is an essay that briefly clarifies how Oswald assimilates Marx's critique of capitalism, Nietzsche's evaluation of Christianity and Freud's opinion on sexuality. In a spontaneous and stripped-down way, Oswald's philosophical texts invite these authors to take part in a dialog that is consistent with the imaginary and reflective forms of southern culture.

Keywords: Anthropophagy. Andrade. Nietzsche. Freud. Marx.

1 Oswald de Andrade, este ilustre diletante (poeta-filósofo)

Oswald de Andrade foi uma contradição em pessoa, teve uma vida burguesa, em parte dedicada ao comunismo. Foi um tipo de rebelde aristocrata, um revolucionário de bases conservadoras. O seu projeto filosófico e a sua vida decorreram de uma espécie de conciliação dos valores burgueses e comunistas reunidos numa utopia do ócio sustentado pelo progresso da técnica, em uma espécie de carnaval eterno socialmente estabelecido. A obra oswaldiana é uma iniciativa teórico-literária performática. Nela, a abstração filosófica é encarnada nas imagens para que a sua prosa seja devorada e digerida em argumentos sintéticos motivados por tipos imagéticos. A performance conceitual de Oswald pode ser confundida com retórica, talvez até certo ponto o seja, sem deixar de conservar, contudo, o humor, a provocação e a irreverência, na condição de recursos destinados a provocar a reflexão e instigar uma atividade imagético-conceitual. De Nietzsche, ele extrai o pensamento trágico, de Marx, ele herda a concepção dialética e materialista da história e, de Freud, restam, na sua obra, as pulsões da vida e da morte. Tais são as bases conceituais da filosofia antropofágica. Na qual a devoração dá-se na transformação do tabu em totem através da apropriação seletiva de elementos da alteridade.

A tentativa tardia de Oswald de Andrade tornar-se um filósofo consiste de um filosofar desde o Brasil. Isto é, o autor dedica-se a temas e problemas que dizem respeito a toda a humanidade, valendo-se dos elementos de um mundo circundante vivido por ele e por todos aqueles que se dedicam a refletir a partir dos seus tipos filosóficos¹. Numa interpretação, principalmente, de *A crise da filosofia messiânica*, vemos como a tese filosófica oswaldiana traz

¹ Quando perguntado em suas confissões, Oswald assume: "Escrevo tudo aquilo que vem explicar a minha filosofia. Filosofia de antropofagista" (ANDRADE, 1990, p. 239). Em entrevista realizada por Radhâ Abramo para a *Tribuna de Imprensa* do Rio de Janeiro, em 25/26-09-1954, na página 6. O que é o "antropofagista" senão o filósofo inspirado pelo antropófago, tipo central da filosofia oswaldiana?

importantes intuições que necessitam de uma digestão crítica. Dentre os pontos ilustrados pelas intuições de Oswald, poderemos, por exemplo, conceber os traços de uma filosofia antropofágica da história, ou analisar a filosofia oswaldiana como uma filosofia trágica de cariz nietzscheano, ou ainda avaliar o quanto a filosofia antropofágica pode ser classificada como um ramo precoce da filosofia da diferença. Afinal, avaliar o caráter filosófico da produção de um teórico brasileiro é também considerar a possibilidade de filosofar a partir do Brasil, ponderando sobre as condições desta forma de pensar emergir no diálogo filosófico da humanidade.

Comumente, o raciocínio filosófico é tomado como uma experiência radical do pensamento que exige a universalidade enquanto condição indispensável para a sua iniciação. A partir desta convicção adotada por uma parcela relevante da comunidade filosófica, não há um meio de pensar a filosofia que não seja um não-lugar, ou seja, um espaço abstrato que pode ser considerado, em linhas gerais, como qualquer lugar experienciado pelo ser humano. Por este motivo, para o desenvolvimento de uma filosofia realista que, entre as suas condições, exige a admissão de um lugar a partir do qual se pensa, o discurso filosófico necessita de um preenchimento das suas formas abstratas para que, posteriormente, a compreensão e a concretização do pensamento seja viável, segundo a explicitação da forma mais pura do pensar que se volta para o mundo. É espantoso como esta convicção da efetividade de uma reflexão erradicada do mundo se perpetuou por tanto tempo, enquanto filósofos de carne e osso pensavam a partir das suas circunstâncias culturais, políticas e sociais. Sabemos que a existência de um Platão não seria possível fora da *polis* ateniense, Kant não teria experienciado a sua revolução copernicana, se não tivesse tido acesso à obra de Hume e Nietzsche, provavelmente, não teria produzido a obra que produziu, caso não tivesse nascido numa família de pastores.

Parece que o reconhecimento dos mundos circundantes pessoais e comunitários como meios a partir dos quais se cultiva a filosofia é uma conquista recente da atividade filosófica, se considerarmos os milênios de exercício ininterrupto desta forma “supramundana” de pensar. De certo modo, a humanidade esteve dedicada ao pensamento filosófico em um sonho etnocêntrico, no qual a cultura que oferece o seu estofo para a atividade de filosofar acede, ilusoriamente, a uma parcela da própria cultura universal sem que para isto precise ser impulsionada pela vivência comum e pelas motivações cotidianas que provocam o pensamento. Contra esta filosofia que reivindica ser desvinculada das circunstâncias mundanas, Oswald de Andrade, em sua *Crise da Filosofia Messiânica*, comenta: “A Filosofia nunca foi uma disciplina autônoma. Ou a favor da vida ou contra ela, iludindo os homens ou neles acreditando, a Filosofia dependeu sempre das condições históricas e sociais em que se processou” (ANDRADE, 1978, p. 79). Nesta afirmação, Oswald não nos apresenta uma novidade, pois ele se junta a um coro já constituído por Kierkegaard, Nietzsche e Marx, autores citados nos seus textos, para fortalecer o argumento de que toda filosofia resulta também das circunstâncias vividas pelos filósofos.

A admissão de que a filosofia surge a partir das condições históricas e sociais de quem filosofa é uma evidência a partir da qual Oswald de Andrade desenvolve a filosofia antropofágica como um pensar desde o Brasil, de acordo com o estilo e as especificidades de uma cosmovisão. Na sua obra, não identificamos o esforço de tecer uma filosofia ufanista, uma forma de pensar que sirva às instituições da nação, pois a filosofia oswaldiana não deve servir a quem quer seja. Seguindo na direção oposta a qualquer tipo de submissão, Oswald de Andrade escreve os seus textos filosóficos contra a servidão e motivado pela utopia matriarcal decorrente da Revolução Caraíba. O que para ele será a maior das revoluções, uma insurreição mobilizada pelo impulso lúdico que visa a criação do primitivo tecnizado. Toda a sua tese decorre também do esforço de pensar o lugar do Brasil no mundo. Assim como qualquer teoria filosófica, a filosofia antropofágica não deixa de esbarrar nas limitações reflexivas de um lugar, de uma época e de

uma determinada autoralidade. Dentre outras marcas e motivações, a filosofia antropofágica consiste em um esforço teórico de última hora, a partir das reflexões de um filho decadente da burguesia paulistana. Contudo, vale a pena parar e analisar os argumentos oswaldianos, não em busca da resolução dos grandes problemas da história da filosofia, mas em um exercício de filosofar a partir do hemisfério sul.

2 Do manifesto literário ao ensaio filosófico

Encaminhamos Oswald de Andrade ao banco dos réus do Tribunal Epistemológico². Assim como a razão pura, o velho antropófago não escapou impune. Sabemos que Oswald de Andrade não é um exemplo de brasileiro comum, a sua condição econômica e social esteve longe de ser a condição usufruída pela maioria dos brasileiros, o que o impediu de desempenhar plenamente o papel de arauto das massas, o papel que ele gostaria de ter assumido na sua fase mais marxista³. Na sua tese, as reflexões sociais e políticas seguem de Hesíodo até Weber, mas não dá sinais de aprofundamento sobre a bibliografia que versa sobre a antropofagia praticada pelos povos indígenas brasileiros⁴.

Na sua autobiografia, publicada em 1954, portanto, no ano da sua morte, Oswald não dá sinais da relevância que poderia ter tido a filosofia em seus anos de formação. No primeiro e único volume desta obra, intitulada *Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe* (1954), ele cita filósofos como Kierkegaard de passagem e, quando menciona a própria atividade filosófica, diz algo como: “Estudo filosofia de Louvain com Monsenhor Sentroul”⁵ (ANDRADE, 1976, p. 79). Nada sobre este tipo de filosofia precede esta informação, tampouco nenhuma explicação sucede este dado relatado. Não há menções sobre autores que o influenciaram, ou sobre teorias que marcaram os seus anos de formação. Descrições estas que eram esperadas, já que estamos tratando de um relato da infância e juventude de um filosofante⁶. Com todo o silêncio sobre o papel da filosofia nos anos da sua formação intelectual, este relato autobiográfico denuncia como Oswald de Andrade lidava com a própria vida. Para ele, a vida se mostrava como um torvelinho de paixões, sentimentos e vivências dignas de um romance. Na sua atividade intelectual, a filosofia era mais uma expressão da vida apaixonada pelas letras.

Além do mais, Oswald não é um exemplo de autor que preza pelo rigor filosófico da academia, ele não tinha a paciência indispensável para lapidar o conceito, como demonstram os seus comentários apressados, ele não parecia fazer uma leitura sistemática dos clássicos e, em seus textos, salta aos olhos o passeio entre autores variados e discrepantes⁷. A sua paixão pela filosofia pode ser classificada como o arrebatamento de um diletante, o impulso típico de um

² No prefácio à segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, Kant comenta que a razão deve entrar no tribunal da razão para avaliar os seus próprios limites. Aqui, encaminhamos Oswald para um tribunal mais flexível, no qual serão avaliadas as suas credenciais de filósofo.

³ Carreri (2003, p. 86): “uma espécie de concerto nos rumos da civilização”, era este a ação atribuída, por Oswald, aos escritores que, enquanto intelectuais, precisam intervir politicamente no destino da humanidade.

⁴ Com alguma frequência, Oswald cita *Duas Viagens ao Brasil* (1557) de Hans Staden e *Os canibais* (1580) de Montaigne, mas não cita outros textos antropológicos que tratam, especificamente, da antropofagia.

⁵ Oswald se refere ao Monsenhor Charles Sentroul (1876-1933), um professor especialista em Kant e Tomás de Aquino, que esteve no Brasil entre os anos de 1908 e 1917. Período no qual participou da fundação e lecionou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, uma instituição de ensino superior inicialmente vinculada à Universidade de Louvain e que, em 1946, foi incorporada ao que viria a se tornar a PUC.

⁶ Em defesa de Oswald, na sua fase madura, ele leu e tomou várias notas sobre obras filosóficas relevantes, como é caso de *O ser e o nada* (CHALMERS, 1992, p. 49). Na condição de cronista, Oswald define filosoficamente o seu papel: “O escritor interroga o presente em curso para extrair dele uma verdade, que é sempre paradoxal, diante do Absoluto” (CHALMERS, 1992, p. 50).

⁷ Repetidas vezes, a filosofia de Oswald de Andrade é considerada superficial. Por exemplo, citamos a análise comparativa das filosofias de Oswald de Andrade e Vicente Ferreira da Silva realizada por Rodrigo Petronio Ribeiro: “Por seu turno, sobre a subordinação do *mythos* ao *logos*, da metafilosofia à filosofia, Oswald diria de maneira bonachona: *era uma ilusão de ótica*. No que concerne à filosofia, a análise de Oswald peca por superficialidade” (PETRONIO, 2011, p. 572).

amador que, de certo modo, mantém uma continuidade entre a atividade poética e a atuação filosófica. Como ele mesmo afirma, no seu texto “Sôbre o Romance”, presente na coletânea *Ponta de Lança*: “A França já havia reunido em noventa enredos a *Comédia Humana* de Balzac. Ficaram sendo exceção as jóias como o *Asno* de Luciano de Samosata, a *Princesa de Clèves* ou o *Werther*. O romance é sempre um tratado de filosofia, sem cátedra, sem terminologia especial e sem a responsabilidade de um sistema” (ANDRADE, p. 33). Nesta passagem, percebemos que Oswald é partidário de uma continuidade entre o ofício do romancista e a ocupação do filósofo. Para ele, é esperado que o romance prepare o solo da cultura para o cultivo da filosofia, pois entre o romance e a filosofia há uma diferença de grau, mas não de natureza.

Em uma leitura atenta de algumas passagens dos manifestos da *Poesia Pau-Brasil* e *Antropofágico*, podemos constatar a potência de algumas intuições que foram exploradas e aprofundadas nos textos filosofantes oswaldianos⁸. Certamente, o texto de Oswald de Andrade está longe do que se espera, nos dias de hoje, de um trabalho acadêmico. Todavia, há uma série de características no seu trabalho intelectual que se aproximam tangencialmente do “modo atual” de fazer filosofia. O autor cita filósofos clássicos, cria conceitos e, mesmo que numa velocidade telegráfica, desenvolve argumentos para a fundamentação da sua tese. Adiante, veremos, em linhas gerais, como Oswald de Andrade adequou estas práticas comuns à filosofia acadêmica ao seu caráter pessoal, brasileiro e meridional.

Ao lançar mão de imagens que englobam afetos e tipos que expressam um mundo imaginado, enquanto filósofo, podemos dizer que Oswald foi um excelente poeta. Talvez até autores mais abalizados possam garantir que, na condição de romancista, Oswald de Andrade parece ter filosofado por acidente⁹. De algum modo, os relatos lúdicos, políticos e existencialistas de *Serafim Ponte Grande* é um exemplo de como é possível pensar a liberdade no seu sentido anárquico a partir de um romance. Porém, o que se destaca, na obra oswaldiana, com a pretensão de ser um texto filosófico inovador é *A Crise da Filosofia Messiânica* (1950). Nele, Oswald apresenta qual é o papel do Brasil no discurso filosófico da humanidade. Em várias passagens, o autor faz questão de informar que a Europa é devedora dos indígenas brasileiros, principalmente, quando os europeus precisaram conhecer os indígenas para elaborar a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

Oswald nos apresenta uma filosofia antropofágica quando expõe a “antropofagia originária” como a condição humana que veio a se explicitar inequivocamente no Brasil. Viver bem é devorar o que há de melhor. Não há uma identidade primeira que preceda as oposições mundanas. Não, muito pelo contrário, somos a partir da apropriação destas oposições. O pensamento genuíno é sempre um ato de ultrapassagem em que o eu familiar devora o outro, o até então estranho. Não se trata de uma conquista, mas de uma assimilação, pois não há nada

⁸ Para citar um título exemplar, no *Manifesto da Poesia Pau Brasil* (1924), podemos verificar a gestação do selvagem tecnizado, na “saude dos pajés e os campos de aviação militar” (2011, p. 65). Também podemos constatar a ânsia pelo resgate de valores primitivos, pois “esquecemos o gavião de penacho” (2011, p. 60). E, portanto, conhecemos a filosofia do antropófago em estado embrionário, ainda no estado de apelo poético que virá a se tornar, mesmo que de um modo muito peculiar, um esforço filosófico-argumentativo.

⁹ No episódio do encalhe de um navio, em *Serafim Ponte Grande* (ANDRADE, p. 188), Oswald se utiliza de um recurso que se assemelha ao utilizado nos seus ensaios filosóficos. Voltemos ao texto do romance: “E reunido um troço de passageiros, recalcitrante, entre os quais alguns recém-casados, desceram todos à sala das máquinas, onde Pinto Calçudo, nu e de boné, fez um último apelo imperativo, ‘ante a cópula mole e geométrica dos motores’ e energicamente protestou contra ‘a coação moral da indumentária’ e ‘a falta de imaginação dos povos civilizados’”. Nesta passagem, a combinação de tipos imagéticos a “cópula mole e geométrica dos motores” expressa a convicção oswaldiana de que a expressão criativa, neste caso ilustrada pelo ato sexual desestimulado, é enfraquecida pelo cientificismo moderno, ótimo representante do mecanicismo, que exerceu uma repressão patriarcal sobre a criatividade humana. A sexualidade geométrica dos motores, se a interpretamos bem, expressa a relação esfriada pela abstração, pelo formalismo que distancia a criatividade da sua fonte mais pura, a imaginação. Em Oswald, seja no romance ou no ensaio filosófico, a imagem pensa ao passo que integra o argumento como uma proposição.

que eu seja antes para impor a quem eu acabo de conhecer. Aliás, de acordo com a filosofia antropofágica, ultrapassamos a oposição eu-outro para atingir uma comunhão órfica, numa espécie de satisfação do instinto primal da vida.

3 A devoração de Nietzsche, Marx e Freud

Em seu aspecto filosófico, a antropofagia oswaldiana é devedora dos argumentos e dos conceitos elaborados por filósofos europeus. Dentre os pensadores citados por Oswald, Nietzsche, Marx e Freud, os mestres da suspeita, foram os filósofos mais importantes para o desenvolvimento da sua antropofagia filosófica. A partir da devoração destes filósofos europeus, o que aqui quer dizer apropriação criativa das teorias alheias, Oswald assumiu uma crítica ao cristianismo, enquanto promotor da colonização dos espíritos, uma crítica ao capitalismo, na condição de sistema econômico patriarcal, e uma crítica à consciência absoluta, pois a barriga e o sexo demonstraram ser mais influentes do que o intelecto na história humana.

Numa consideração ousada, Zé Celso chega a afirmar sobre Oswald: “Ele é uma espécie de Nietzsche brasileiro. Aliás, nós conseguimos realizar no Brasil, no tropicalismo, o que Nietzsche sonhou fazer e não conseguiu: a ópera de carnaval” (COSTA, 2011, p. 83). Sem dúvida, este é o reconhecimento do trabalho de um rebelde profissional. Talvez, por Nietzsche, Zé Celso tenha querido dizer iconoclasta, mas esta é mais uma conjectura. O fato é que Oswald foi muito influenciado por Nietzsche no que diz respeito à sua interpretação da história e da moral cristã. Em uma nota curta de 4 de outubro de 1947, ele afirma “Frederico Nietzsche atacava a mediocridade europeia e o reino da virtude e da lógica, repondo no destino do super-homem a Idade de Ouro anunciada pela saudade das eras primitivas” (ANDRADE, 2007, p. 352)¹⁰. A antropofagia oswaldiana está apoiada na convicção de que Nietzsche empreendeu uma série de batalhas contra o patriarcado e as suas instituições, de modo que a gestação do super-homem deve se dar pelo resgate das convicções “primitivas”, por exemplo, de um estado sem classes e de uma mística órfica da imanência, da vida concentrada no momento presente.

A mesma suspeita nietzscheana encaminhada aos líderes religiosos é revivida por Oswald em vários dos textos em que o mesmo comenta sobre o cristianismo, a igreja católica e os santos. “A história do sacerdócio caracteriza-se como fonte do que Frederico Nietzsche havia de chamar a Moral de Escravos. Nos velhos livros religiosos, verifica-se uma coincidência de ordenações, princípios e máximas que poderiam constituir a Cartilha do Escravo Perfeito” (ANDRADE, 2011, p. 144). A convicção de que as instituições religiosas instauraram um regime de dominação perpassa vários textos oswaldianos e culmina em um tipo de materialismo da mútua devoração, no qual todos os seres se devoram e, para viver bem, precisam admitir autenticamente esta que é a condição existencial da humanidade. Para não vivermos subjugados, dentre outras atitudes, precisamos nos livrar de qualquer ilusão religiosa.

Oswald atribui também ao cristianismo a responsabilidade de instaurar a ordem moral, política e econômica do patriarcado. Embora ele considere as diferenças internas à tradição cristã, no instante em que pondera, por exemplo, sobre a diferença existente entre a doutrina católica que não tolera a prática do juro e o calvinismo que reconhece esta prática como

¹⁰ Na bibliografia da sua tese, quando cita autores clássicos, Oswald se limita a mencionar “Obras”, omitindo os títulos específicos utilizados para o desenvolvimento de qualquer um dos seus argumentos. Da mesma forma, ao longo dos seus ensaios filosóficos, Oswald não cita obras das quais retira as ideias. Normalmente, ele cita o nome do autor ou de sua teoria e segue a linha de raciocínio. No caso da influência de Nietzsche, veremos que a sua crítica parece ter sido bastante influenciada pela *Genealogia da Moral* (1887/2009), uma vez que a sua crítica aos sacerdotes e aos danos causados pelas imposições de uma civilização cristã são frequentemente associados aos argumentos nietzscheanos.

legítima, ao fim e ao cabo, ele vê no cristianismo um dos pilares de sustentação do patriarcado, do capitalismo e da ciência moderna. “O cristianismo teria sido o grande responsável, diz Oswald leitor de Nietzsche, pela consolidação do patriarcado, fonte do complexo de Édipo, ao apelar para o monoteísmo de um Pai absoluto, que delega a seu filho o poder de redimir a humanidade” (NASCIMENTO, 2011, p. 340-341). A fixação de uma hierarquia rígida entre o Pai, o filho e as demais criaturas existentes são, para Oswald, um tipo de distinção que seria insustentável no matriarcado, enquanto regime de uma comunidade livre das grandes estratificações sociais.

Claramente, no patriarcado, há uma série de distinções, papéis fixos de mando e de obediência que não caberiam na vida orientada pelo matriarcado. Na *Mensagem ao antropófago desconhecido* (1946) Oswald garante: “O antropófago habitará a cidade de Marx” (ANDRADE, 1992, p. 286). Por “cidade de Marx”, ele entende a realização do socialismo gerido pelo primitivo tecnizado, pelo indivíduo formado a partir dos valores do matriarcado oswaldiano e empossado das conquistas modernas da técnica¹¹. Há nesta proposta a esperança de um novo início para o socialismo, de acordo com as premissas do adepto do primitivismo tecnizado, que é um personagem da crônica de Oswald, que assegura: “a ditadura do proletariado é uma etapa ultrapassada, graças à técnica, ao governo da técnica... que, na América, já fez do proletariado atual a negação do proletariado inglês que inspirou, há cem anos, o Manifesto de Marx e Engels” (ANDRADE, 2007, p. 330-331). Convicto da veracidade desta análise, Oswald aposta antecipadamente na decadência da URSS e de qualquer outro tipo de governo socialista baseado na ditadura do proletariado, uma vez que a mudança da condição do próprio proletariado, agora, tecnizado, é um sintoma da necessidade de novas rotas de fuga do capitalismo que não passam pelas vias exigidas anteriormente pelo contexto miserável do proletariado inglês da Revolução Industrial¹².

No interior da filosofia antropofágica, ocorre uma espécie de digestão do marxismo. Oswald interpreta Marx, conforme uma interpretação muito pessoal do presente histórico. Sobre a relação oswaldiana com o marxismo, de acordo com Benedito Nunes:

[...] depois de ter rompido com a orientação partidária a que se manteve fiel desde 1930, que vai reabrir o veio antropofágico de sua experiência passada, com a intenção expressa de atualizá-lo, dando-lhe a forma de uma concepção do mundo, destinado a absorver dialeticamente o próprio marxismo, e cuja síntese podemos encontrar na tese de concurso de 1950, *A Crise da Filosofia Messiânica* (NUNES, 2011, p. 384).

Depois de classificar a Antropofagia como uma “terapia social”, Oswald comenta que, depois da sua ruptura com o Partido Comunista, ele passou por uma recuperação intelectual que lhe permitiu desenvolver filosoficamente uma proposta de revolução e de utopia. Por meio dessa transformação, denunciou, nos pontos finais da sua tese (ANDRADE, 2011, p. 204-205), que a URSS foi uma prévia da grande revolução que desembocará no novo matriarcado. A sua condição prévia decorreu de uma fragilidade no seu impulso histórico-dialético refreado pela “dogmática obreirista” que serviu como refúgio da filosofia messiânica e, portanto, patriarcal,

¹¹ Oswald tinha em alta conta a antropofagia quando pautava o futuro da humanidade. Cf. *Informe sobre o modernismo* (1945) “A antropofagia ainda balbucia, mas propõe-se a depor no tumulto dramático de hoje. Ela leva às suas conclusões o que há de vivo no existencialismo e no marxismo” (ANDRADE, 1992, p. 105).

¹² De acordo com o diagnóstico de Oswald, o perfil do proletariado da época de Marx está ultrapassado. Sobre este assunto, em *Telefonia*, diz ele: “Carlos Marx não contava com uma retificação no caráter absorvente e implacável do capital. Ele escreveu e agiu quando a revolução industrial atingiu o seu ponto forte e dele abusava. Outras são hoje as condições do proletariado, que, na ascensão dos salários e das garantias sociais, perdeu o seu caráter agressivo” (ANDRADE, 2007, p. 431).

que foi resguardada pela propriedade estatal. Do Hegel interpretado por Kojève e de Marx, Oswald se apropria da compreensão dialética da história e da esperança em uma sociedade sem estado, na qual a propriedade privada será abolida e a família patrilinear não mais existirá¹³. Todavia, a rota para a realização deste futuro deve ser recalculada pela filosofia antropofágica. Numa entrevista realizada por Aurasil Brandão, para a revista *Trópico*, de São Paulo, em 2 de maio de 1950, Oswald resume: “a Antropofagia é a volta, tecnizada, ao primitivismo, e a Idade de Ouro será por nós alcançada quando nos compenetrarmos e seguirmos mais de perto as sociedades primitivas, onde havia o matriarcado e não havia o Estado” (ANDRADE, 1990, p.179-180). Em uma apropriação crítica do marxismo, Oswald propõe uma nova estratégia para findar a ordem social burguesa.

Já em relação a Freud, Oswald resolve citá-lo como uma importante referência para a compreensão da sexualidade nos moldes patriarcais. Segundo Oswald, *Totem e Tabu* (1913) é uma obra que descreve a sexualidade, segundo um modelo de civilização que precisa ser superado. Nela, o mito primordial é uma narrativa falocêntrica, na qual o pai e os seus filhos interagem, na ausência total das mulheres¹⁴. Por outro lado, o matriarcado oswaldiano propõe uma nova configuração do impulso sexual que escapa da repressão patriarcal que exige um filho legítimo para a transmissão de uma herança. Por estas e outras razões, Oswald se percebe como um crítico de Freud, por não acreditar na manutenção do complexo de Édipo dentro das estruturas sociais do matriarcado. Uma vez que, no interior do matriarcado, os bens são comunitários e a sociedade não é estratificada de acordo com as posses dos indivíduos, a hierarquização patriarcal perde o seu sentido e o filho já não tem mais nenhum motivo para desejar ocupar o lugar do pai. Apesar da crítica contundente, o emprego dos jargões psicanalíticos persiste na *Crise da Filosofia Messiânica*, por exemplo, na sentença: “A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem” (2011, p. 139). A conversão constante do objeto proibido em objeto de culto é a marca prevalente do antropófago que se percebe inserido num fluxo de apropriações. Poeticamente, podemos dizer que o homem primitivo devora o homem civilizado, a cultura antropofágica digere a cultura messiânica e, assim, os feiticeiros da tribo utilizam a técnica moderna e o homem primitivo ressurge como o primitivo tecnizado.

Sobre as teorias freudianas, suas divergências de análise e adoções terminológicas na filosofia antropofágica, Oswald reforça: “Cabe a nós antropófagos fazer a crítica da terminologia freudiana. O maior dos absurdos é por exemplo chamar a parte mais iluminada pela consciência do homem: o sexo e o estômago. Eu chamo a isso de “consciente antropofágico”” (ANDRADE, 1990, p. 51). O impulso vital descrito pelo antropófago subverte a exposição freudiana. A parte mais esclarecida da subjetividade humana é a libido, os apetites e as inclinações corporais que, por sua vez, nutrem as impressões mentais e as suas abstrações mais pálidas¹⁵. Segundo Oswald, a criatividade e a imaginação surgirão renovadas quando as velhas estruturas do

¹³ É difícil assegurar qual obra de Marx influenciou mais o pensamento oswaldiano, pois, por muitas vezes, Oswald apenas cita o marxismo associado ao projeto soviético que ele tanto critica. Nos seus textos, não há menções claras a uma passagem localizável de uma obra de Marx. Do mesmo modo que não há citações expressas dos títulos das obras de Marx nas referências bibliográficas da sua tese filosófica. Contudo, ao considerar a crítica oswaldiana à análise das condições do proletariado em Marx, acreditamos que Oswald deu uma maior atenção a alguns trechos do primeiro volume do *Capital* (1867), talvez apoiados pelo *Manifesto Comunista* (1848), uma vez que o primeiro volume analisa as condições de vida dos trabalhadores na época de Marx e o manifesto escrito em coautoria com Engels descreve, de modo resumido, a situação dos trabalhadores daquele período. Tendemos a acreditar que a centralidade destes textos no *corpus* marxista e a sua repercussão chamaram a atenção do crítico social, Oswald de Andrade.

¹⁴ Para uma compreensão completa do mito freudiano fundador da psicanálise, cf. Freud (2012, p. 182 e seguintes).

¹⁵ Na sua crítica ao modelo psicanalítico freudiano, Oswald esteve claramente voltado para os conceitos e as explicações exposta em *Totem e Tabu* (1913). É curioso como ele utiliza os jargões freudianos contidos, principalmente, nesta obra, enquanto subverte a descrição da psique realizada por Freud.

patriarcado forem superadas, estando entre elas a filosofia messiânica de um mundo porvir, que enfraquece a experiência imanente, a fonte principal dos estímulos humanos.

4 Filosofia europeia na Terra do Sol

Vimos que, mesmo com uma proposta de fazer filosofia desde o Brasil, as bases da filosofia oswaldiana são europeias, o que significa dizer que certos autores clássicos foram assimilados pelas intenções teóricas oswaldianas. Oswald conta com Nietzsche para analisar a função colonizadora da religião, atualiza a conjuntura histórica da crítica ao capitalismo realizada por Karl Marx e adapta os termos psicanalíticos freudianos para descrever a alma do antropófago, ser humano que não se submeteu aos princípios do patriarcado e que vive sob a lei da apropriação do que há de melhor no outro. Todas essas realizações passíveis de crítica são colaborações simples de um autor que pensa a humanidade de uma perspectiva meridional e se utiliza de autores europeus sem que o respeito pelo seu legado teórico se torne um objeto de culto. Oswald queria que a filosofia se manifestasse no Brasil como um movimento de emancipação e subversão da ordem colonizadora estabelecida, numa superação do pensamento europeu, a partir de uma nova experiência de pensamento que estava para surgir do encontro antropofágico de diferentes povos, em várias trocas e apropriações culturais.

A deglutição desses autores foi uma das atitudes escolhidas por Oswald de Andrade para fortalecer a filosofia brasileira. Certamente, a sua forma de filosofar trouxe uma combinação de características que deram um novo aspecto ao raciocínio filosófico. Numa combinação dos argumentos sintéticos, da explicitação do pensamento através de tipos, em imagens que ilustram o pensar, e de um bom humor reflexivo, o modo oswaldiano de filosofar foi distinguido da atividade filosófica acadêmica tão comum às instituições de ensino do Brasil¹⁶. Embora a sua condição de filósofo tenha sido questionada repetidamente, Oswald comenta os filósofos estrangeiros de um modo bastante afinado com a linguagem do brasileiro médio da sua época, sintonizado com a realidade dialógica que detém a atenção do leitor pela expressão fácil, pela piada que distensionava a argumentação séria e pelos tipos que convidam a imaginação para uma atividade colaborativa com o intelecto.

Ainda em uma atuação ousada, Oswald convida estes autores comentados para contribuir com o exercício de compreensão da realidade brasileira. O que parece uma atividade sociológica é, na verdade, a atuação da própria filosofia que consiste em convocar Nietzsche, Marx e Freud para meditar sobre a rebeldia exigida dos povos que viram o seu fluxo de pensamento represado, pois foram pensados por mentes alheias, e que tiveram o seu projeto de humanidade boicotado, pois foram projetados por uma humanidade que se sobrepôs ao seu mundo. O esforço teórico oswaldiano consiste em usar a filosofia europeia contra o eurocentrismo, ou melhor, de superar as formas ideais de uma humanidade europeia em prol do ideal de uma humanidade verdadeiramente universal. Para Oswald, este processo dá-se com a devoração do legado moderno, com a apropriação da técnica que, uma vez decolonizada, ou seja, uma vez despida das estruturas do patriarcado que hierarquiza, segrega e priva a maior parte das pessoas dos produtos do seu trabalho, estará a serviço do selvagem tecnizado, auxiliando-o como um instrumento para a realização da utopia antropofágica.

¹⁶ Para conhecer o estilo argumento de Oswald em sua maturidade, conferir “A Crise da Filosofia Messiânica”, em *A utopia antropofágica*. Nesta obra, Oswald faz alguns gracejos como este: “Karl Marx reduzira à contabilidade os voos da metafísica alemã” (2011, p. 139), ou sintetiza ao extremo a proposta de um regime complexo: “A metafísica está no chão das fábricas. Eis a exata posição ideológica da URSS” (2011, p. 196).

Independente da viabilidade da utopia oswaldiana, ou da sua realização plena através da Revolução Caraíba, a utopia antropofágica se apresenta como uma crítica às ideologias socialmente estabelecidas, propõe, embora que de forma embrionária, novas formas de organização social e de convívio, e concede ao povo o direito de sonhar com um futuro melhor, mais alegre e mais justo, mesmo que este futuro não seja plenamente realizável. De modo atrapalhado e, em certas passagens, por meio de críticas descuidadas, Oswald soube desafiar e subverter a realidade e as teorias vigentes. Embora sua ruptura com o *status quo* não tenha sido tão “selvagem” quanto desejava, ele imaginou filosoficamente alternativas para burlar os limites de um pensamento colonizado. Por essas e outras razões, talvez, conhecer o modo de apropriação das principais fontes da filosofia antropofágica seja uma maneira de devolver aos povos meridionais o interesse em participar do discurso filosófico e de fortalecer a capacidade coletiva de imaginar para além dos limites impostos por uma realidade social mesquinha.

Referências

ALMINO, João. Por um universalismo descentrado. In: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. (Orgs.). *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 55-62.

ANDRADE, Oswald. A crise da filosofia messiânica. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011. p. 138-215.

ANDRADE, Oswald. A marcha das utopias. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011. p. 220-298.

ANDRADE, Oswald. *Dicionário de Bolso*. Organização, introdução e notas de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 2007.

ANDRADE, Oswald. *Estética e política*. Pesquisa, organização, introdução e notas e estabelecimento de texto de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 1992.

ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011. p. 67-74.

ANDRADE, Oswald. Manifesto da poesia pau-Brasil. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011. p. 59-66.

ANDRADE, Oswald. O achado de Vespúcio. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011. p. 311-317.

ANDRADE, Oswald. *Os Dentes do Dragão*: entrevistas. Organização, introdução e notas de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

ANDRADE, Oswald. *Telefonema*. Organização, introdução e notas de Vera Chalmers. São Paulo: Globo, 2007.

ANDRADE, Oswald. Um aspeto antropofágico da cultura brasileira – O homem cordial. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011. p. 216-219.

ANDRADE, Oswald. *Um homem sem profissão, sob as ordens de mamãe*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

AZEVEDO, Ana Beatriz. *Antropofagia – palimpsesto selvagem*. 2012. 199 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CARRERI, Marcio Luiz. *Utopia no front: história e filosofia em Oswald de Andrade*, 2003. 135 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2003.

CHALMERS, Vera Maria. Panorama de *Telefonema*. In: *Telefonema*. Organização, introdução e notas de Vera Chalmers. São Paulo: Globo, 1992. p. 7-65.

COSTA, Lara. Na Boca do Estômago. Conversa com José Celso Martinez Corrêa. In: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 71-83.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu: Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GREENE, Roland. Antropofagia, invenção e objetificação do Brasil. In: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 203-216.

GUMBRECHT, Hans. Mordendo você suavemente – Um comentário sobre o Manifesto Antropófago. In: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 289-298.

KANGUSSU, Imaculada. Benedito Nunes, leitor de Oswald de Andrade. *Revista Apoena*, Belém, v. 3, n. 5, 2021, p. 77-86.

MELLO, Ivan. A antropofagia oswaldiana como filosofia trágica. *Cadernos Nietzsche*, Rio de Janeiro, n. 23, 2007, p. 59-74.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores).

NASCIMENTO, Evando. A Antropofagia em Questão. In: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 331-362.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NUNES, Benedito. A antropofagia ao alcance de todos. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Editora Globo, 2011. p. 7-56.

NUNES, Benedito. O retorno à antropofagia. In: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. *Antropofagia hoje?* Oswald de Andrade em cena. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 383-388.

PETRONIO, Rodrigo. Entre o antropofágico e o aórgico: meditação em torno de Oswald de Andrade e Vicente Ferreira da Silva. In: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. *Antropofagia hoje?* Oswald de Andrade em cena. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 571-600.

PIZA, Daniel. Digesto antropófago. In: ROCHA, J. C. de C.; RUFFINELLI, J. *Antropofagia hoje?* Oswald de Andrade em cena. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 63-64.

PONTES, Ivan. Oswald de Andrade: devorador do sátiro nietzschiano. *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 11, jan./jun. 2020, p. 110-131.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*: primeiros registros sobre o Brasil. Trad. Angel Bojadsen. São Paulo: L&PM, 2008.

VALLE, Ulisses. A filosofia da história de Oswald de Andrade. *Revista de Males*, Campinas, v. 37, n. 1, jan./jun. 2017, p. 323-344.

Sobre o autor

Leonardo de Sousa Oliveira Tavares

Doutor em Filosofia pela Universidade de Coimbra, mestre, licenciado e bacharel pela Universidade Federal da Paraíba. É pesquisador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e colaborador do Círculo de Estudos Husserlianos. Leciona no ensino médio técnico da ECIT-PB, tem experiência no ensino superior e, atualmente, dedica-se ao estudo de temas e problemas da fenomenologia transcendental, da antropologia filosófica e da filosofia da cultura.

Recebido em: 05/08/2024
Aprovado em: 18/11/2024

Received in: 08/05/2024
Approved in: 11/18/2024